

Missa Sertaneja: Cultura e Liturgia em Diálogo

Celebrar o Mistério da Salvação requer o nosso envolvimento por inteiro. Isso significa que a liturgia que celebramos é viva e dinâmica. Fazemos memória da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, atualizando a eficácia de seu testemunho e colaborando em sua continuidade no mundo atual. Assim, na medida em que depositamos nossas dores, alegrias, clamores, labutas, conquistas e sonhos no altar da liturgia, celebramos nossa própria vida, consagrada pela vida do Senhor. Sob essa ótica trataremos o tema da “Missa Sertaneja”, tão em voga em nossas comunidades, sobretudo naquelas de contexto rural. Para início de conversa, dois fatores merecem nossa atenção, a saber: a **cultura** e a **liturgia**.

Em primeiro lugar, enxerguemos a forte influência da **cultura** sobre nossas atividades cotidianas. Como exemplo, observemos nossas roupas, nosso modo de pronunciar a língua portuguesa, nossa típica culinária goiana. Todos esses aspectos sugerem a riqueza que nos distingue dos demais brasileiros de maneira geral. Somos brasileiros como eles, mas brasileiros ao nosso modo. Brasileiros do “coração do Brasil”, onde as tradições rurais integram o cenário cultural da zona urbana e, num misto de ruralidade e urbanização, modelam o cotidiano de nossas vidas. É muito importante o nosso esforço comum em prol de entender e respeitar a sensibilidade do povo, particularmente expressa pela religiosidade popular.

Como dissemos de início, a *liturgia é viva e dinâmica*. É celebração da vida de Cristo em nossa vida, em nossa realidade concreta. Daí o fato de existirem celebrações que, apesar de possuírem um mesmo núcleo comum, herdado da tradição eclesial e manifestação da unidade indissolúvel da Igreja, também apresentam as características próprias de cada localidade. Vejam, por exemplo, quantos elementos culturais já estão inseridos em nossas celebrações: as palmas durante o hino de louvor e o santo, o canto no momento do abraço da paz, a acolhida fraterna por parte do presidente da celebração. Poderíamos enumerar vários outros exemplos que, apesar de nos distinguirem de outras comunidades católicas, da África, da Ásia e do restante do Oriente ou da

Europa, por exemplo, não nos exclui de participar da mesma Igreja do Senhor. Celebrar com a vida requer considerar a cultura local, mas como fazê-lo sem cometer exageros? Não se trata de uma constante reinvenção da liturgia. Da Igreja recebemos e com a Igreja celebramos. Diante disso, percebemos a carência de nossa formação litúrgica e cultural. *Somente após um profundo conhecimento da **cultura** em que vivemos, bem como do **Mistério da Fé** que celebramos, poderemos dinamizar a vida litúrgica de nossa comunidade.*

No que se refere ao canto litúrgico, a **música** tradicional **sertaneja**, como expressão de nossa cultura, também é capaz de manifestar nosso louvor, nossa gratidão e nossa súplica ao Divino Mestre. Por isso, quando nos referimos ao termo “Missa Sertaneja”, por mais inadequado que pareça, não entendemos a criação de diferentes gêneros de missa: uma sertaneja, outra urbanizada e assim por diante, como acontece na divisão das artes musicais (sertanejo, pop, rock...). Não há uma “Missa sertaneja”, entendida como estrutura fixa de celebração, mas um modo “**sertanejo**” de festejar o mesmo e único mistério de Cristo celebrado por toda Igreja. Esclareçamos logo que não se trata de uma interpretação pejorativa do termo sertanejo, mas simplesmente cultural. Não há, nessa expressão, o mínimo intuito de excluir ou discriminar. Trata-se da celebração do autêntico sertanejo – se assim podemos denominá-lo –, identificado com a terra, com a lavoura e na relação com a natureza. Capaz de reconhecer o soar do berrante e a “cantiga” do carro de boi. Por isso, *tornar a “Missa sertaneja” um gênero de missa realizado em circunstâncias esporádicas significa reduzi-la à mera expressão teatral. Significa despojá-la da plenitude de seu sentido orante (mistagógico), congregacional e litúrgico. Liturgia é, antes de tudo, ação de Deus em nós e para nossa salvação. Não é uma ação meramente nossa.*

No ambiente adequado, toda missa é “Missa sertaneja”; é encontro de fé e celebração do Mistério. Ao longo das últimas décadas, com o propósito de incentivar o diálogo entre **liturgia** e **cultura**, pudemos encontrar vários repertórios litúrgicos denominados por “Missa sertaneja”. O que são tais repertórios? Em sua maior parte (e principalmente os mais conhecidos), restringiam-se à mera *paródia* de canções já consagradas pela cultura sertaneja nacional. É assim que nos deparamos com a popular *Estrada de Ouro Fino*, adaptada para canto de abertura, mas com alteração na letra, como demonstra o seguinte fragmento: “*Toda vez que eu venho aqui, na igreja pra rezar / também agradeço a Deus por tudo que ele me dá...*” Esse mesmo processo tem sido realizado com todos os demais cantos do repertório litúrgico, levando ao

ambiente da Celebração Eucarística melodias populares como *Asa Branca*, *Tristeza do Jeca*, *Longa estrada da vida*, e tantas outras. Em casos como esses, incidimos em graves problemas de ordem teológica, moral, estética e musical, dentre os quais, destacamos:

- Além de um **problema moral**, a *paródia* de canções na liturgia também pode acarretar imputações legais, pois infringe a lei de direitos autorais, qualificando-se como crime de plágio. Segundo a legislação em vigor, a cópia exata de sete notas consecutivas de uma melodia enquadra-se em plágio. O problema moral daí decorrente consiste no falso testemunho de autoria.
- Mesmo que os verdadeiros autores de determinada melodia permitissem sua utilização em repertórios litúrgicos, o uso de paródias na celebração se constitui como um grande **equívoco musical**, pois desconsidera a livre capacidade de produção artística, própria à natureza humana, reduzindo-a a mera repetição de repertórios já consolidados e estimulando a preguiça e a desonestidade artística.
- Não por último, lembramos a múltipla influência que a música exerce sobre o ser humano, transportando-o a diferentes situações, trazendo lembranças, sentimentos e demais sensações tanto físicas quanto psíquicas. A execução de melodias populares em ambiente orante dificulta a superação dos limites entre o **sagrado** e o **profano**, impedindo um profundo mergulho no mistério celebrado.

Ainda nesse curso, vale, contudo, destacar o surgimento de novos repertórios litúrgicos com estilo sertanejo que, por sua vez, fogem do modelo de paródias, antes tão comum. O esforço desses novos compositores se concentra na elaboração de cantos, letras e melodias, seguindo os critérios litúrgicos e melódicos indicados pelas *Diretrizes para a Música Litúrgica no Brasil* (ver CNBB, Estudos, n.79). Unidos às características culturais da música sertaneja estão os critérios que definem a função ministerial da música na liturgia, quais sejam: *estar intimamente ligada à ação litúrgica a ser realizada, ter texto bíblico ou inspirado na Bíblia, ter melodia própria, respeitar a sensibilidade religiosa do nosso povo, expressar-se na linguagem verbal e musical, no “jeito” da cultura do povo local, possibilitando uma participação ativa e frutuosa dos fiéis na ação litúrgica e, finalmente, não ser banal, mas artística, bela e*

profunda (cf. CNBB, Estudos, n.79, pp. 131-135). Logo, logo teremos um amplo repertório litúrgico com o nosso rosto.

No diálogo entre **cultura** e **liturgia** situamos nosso projeto de colaborar com a crescente participação de todos os fiéis no mistério litúrgico, sobretudo na vivência litúrgica da vida cristã e na continuidade desse mistério no cotidiano de suas ações. O anexo “Missa Sertaneja”, no final dessa apostila, pretende demonstrar como é possível celebrarmos a Fé sem que, para isso, tenhamos que abandonar nossas origens culturais. Nele estão cantos litúrgicos, em sua maioria já conhecidos por todos, agora gravados com acompanhamento sertanejo, viola e acordeom (sanfona). Isso possibilitará uma celebração profundamente arraigada no mistério de Cristo, estabelecido pelo viés da cultura. Com nossa cultura celebremos, pois, a Vida e a Sagrada Liturgia, sem por em risco o conteúdo da fé que também se transmite pela arte. É esse o nosso fraterno desejo. É essa a Liturgia que da Igreja recebemos!

José Reinaldo F. Martins Filho
Equipe Arquidiocesana do Canto Litúrgico
Texto de abertura do 42º Curso de Canto – março de 2012